



Associação Propagadora Esdeva  
Centro Universitário Academia - UniAcademia  
Curso de Arquitetura e Urbanismo  
Artigo

---

## **SARANDIRANDO**

Inventário Afetivo, identidade, memória e pertencimento em Sarandira – A  
“Caixa de Memórias”

*Francine Ferraz Miranda Zonta, Jivago Cesário de Aguiar, João Pedro de Melo  
Souza, Pablo Corrêa Lima, Roberta Maria de Oliveira Carvalho  
Centro Universitário Academia - UniAcademia, Juiz de Fora, MG  
Milena Andreola de Souza  
Centro Universitário Academia - UniAcademia, Juiz de Fora, MG*

### **RESUMO**

O Projeto de Extensão “SARANDIRANDO - Inventário Afetivo, identidade, memória e pertencimento em Sarandira” tem o objetivo principal de realizar um Inventário Afetivo a partir do conhecimento, aproximação e interlocução com a comunidade deste pequeno Distrito do Município de Juiz de Fora. Para isso, foram estudados exaustivamente os conceitos de memória, identidade, pertencimento, além das metodologias de Inventários, Mapeamento Afetivo e Cartografia Sentimental com a intenção de criar uma metodologia própria que se adequasse a essa comunidade. No entanto, a partir do contexto da pandemia de COVID19, os pesquisadores foram forçados a manter distanciamento entre si e da comunidade antes mesmo de conhecê-la. Como, então, fazer o trabalho de campo em uma comunidade rural sem muita aproximação com o mundo da internet, redes sociais e ensino remoto? A adequação da metodologia e a criação da Caixa de Memórias como uma ferramenta de aproximação dos pesquisadores com a comunidade foi uma opção criativa e legítima de iniciar o longo percurso da pesquisa dinâmica.

**Palavras-chave:** Memória. Identidade. Pertencimento. Caixa de memórias

### **1 INTRODUÇÃO**

Qual o valor da memória para a formação da identidade de um lugar e seus habitantes? Como definir, demarcar e mensurar as relações entre corpo, história e lugar? E qual a importância das lembranças e vivências individuais e coletivas para o cotidiano dos grupos sociais e seu desenvolvimento?

Ao longo de dois anos, o grupo de extensão responsável pelo projeto “Sarandirando: Inventário Afetivo, identidade, memória e pertencimento em Sarandira – MG” tem

buscado formas de compreender estas e outras questões a partir dos conceitos de memória, identidade e pertencimento, criando metodologias que permitam mapear, cartografar e ou inventariar as relações entre indivíduos e lugares, tendo como recorte espacial o Distrito de Sarandira, pertencente ao Município de Juiz de Fora – MG.

O projeto, que se iniciou em 2020, em plena pandemia do COVID19, surgiu a partir de interlocuções entre os cursos de Arquitetura e Urbanismo e Psicologia do Centro Universitário Academia, em Juiz de Fora – MG, a partir de intersecções e tangenciamentos entre os campos de Patrimônio Cultural, no primeiro, e Psicologia Comunitária, no outro curso.

Assim, o presente artigo é um dos resultados do Projeto de Extensão, a partir de seu desenvolvimento no ano de 2021. Dentre os objetivos deste projeto estão realizar um “Inventário Afetivo” de Sarandira buscando os elementos culturais, sociológicos e espaciais (tanto arquitetônicos, quanto paisagísticos) que fornecessem subsídios para o desenho da identidade cultural local através das noções de memória e pertencimento. Além disso, era intencional compreender o impacto das contribuições de projetos externos na percepção da comunidade a respeito da área urbana do distrito, sua paisagem cultural e hábitos cotidianos e sua influência nas relações de pertencimento e autovalorização.

Porém, é bastante claro que os protocolos sanitários implementados no Brasil e no mundo e, conseqüentemente, em Juiz de Fora, buscando o controle da pandemia, dificultaram o processo de interlocução entre pesquisadores e comunidade, transformando essa, inicialmente, pesquisa-ação, em uma série de debates e estudos no intuito de desenvolver ferramentas possíveis de serem implementadas de forma remota para o levantamento de dados.

É fato que esse foi um problema enfrentado pela grande parte dos pesquisadores e extensionistas brasileiros, assim como por professores e alunos, buscando criar ambientes remotos que possibilitassem a continuidade das atividades de pesquisa, extensão e ensino. E foi nesse momento que nos deparamos com discrepâncias sociais, culturais e financeiras gritantes que fizeram com que os agentes desses processos educacionais precisassem se desdobrar para minimamente realizar seus objetivos ou, pelo menos, não perder os vínculos naturalmente criados no cotidiano.

Assim, apresentamos aqui um relato sobre como foi possível a aproximação com a comunidade de Sarandira em tempos de distanciamento. Para isso, torna-se fundamental conhecer esse distrito peculiar.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 breves relatos de pequenos lugares – Sarandira ao longo do tempo**

Quando a cidade de Juiz de Fora começou a se desenvolver, em meados do século XIX, seu território era ocupado por propriedades rurais distribuídas ao longo do Caminho Novo da Estrada Real, aberto no início do século XVIII pelo sertanista Garcia Paes Leme, visando atravessar a perigosa região conhecida como “Áreas Proibidas” ou “Sertões do Leste” e facilitar o escoamento do ouro para a capital Rio de Janeiro.

A ocupação da região se fez nos anos seguintes à abertura da estrada pela distribuição de sesmarias em torno do Caminho Novo, que por si só, era paralelo ao Rio Paraibuna. Tal ocupação foi lenta, mas progressiva, e teve uma aceleração com a decadência da mineração em MG, logo no início do século XIX.

A região das Matas do Leste se desenvolveu, então, a partir da criação de gado e do cultivo do café (ambas atividades extremamente predatórias), tornando-se logo o maior centro produtor da bebida que se tornou símbolo no Brasil. Esse fato gerou transformações econômicas e espaciais importantíssimas para o desenvolvimento desse território. Os Barões do Café, que se transformaram na parcela da sociedade brasileira mais rica da época, agilizaram o desenvolvimento social da região, tendo como ponto principal o próspero Distrito de Santo Antônio do Paraibuna, que logo se transformaria na pioneira Juiz de Fora.

Ao leste do município, formou-se o Distrito de Sarandira, já sendo a região ocupada plenamente pelo café ao longo do século XIX. No âmbito da revolução Liberal de 1842, o jovem José Alves Pereira doou terras para fundação do Arraial de Nossa Senhora do Livramento, e já em 1861 nascia o distrito de Sarandy, elevado à categoria de freguesia em 1880. (FOSCARINI NETO, 2008, p. 59)

A região era composta de dois povoados: Caeté, mais próximo a Juiz de Fora e de relevo plano, e Sarandy, área extremamente montanhosa. A região era formada por

diversas propriedades rurais que fomentaram a economia dos dois povoados, até então, bastante desenvolvidos.

Até hoje Sarandira conjuga uma mesma característica da época. O sítio urbano conta com poucos habitantes, mas contando os residentes nas propriedades rurais, seu contingente aumenta bastante. Em 1915, somados, Caeté e Sarandy tinham cerca de 600 habitantes. Mas a população considerada a partir destes números e demais moradores rurais chegava a 6500 habitantes. Os escravos chegavam a dois terços dessa população (GUIMARÃES, 2006 apud FOSCARINI NETO, 2008, p. 60), corroborando a grandeza e importância das lavouras.

Os arraiais eram providos de escola e amplos empreendimentos comerciais e de serviço, como farmácia, armazéns, barbearia, alfaiataria, correios, etc. A existência de grandes propriedades rurais caracterizava uma condição de interdependência econômica e social entre estes e os demais personagens dessa história, mesmo os pequenos produtores, suprimindo uma cultura mais rústica em prol do modo de vida dos grandes fazendeiros.

Com o declínio do café, na década de 30 do século XX, a região sofreu graves consequências, uma vez que os produtores optaram pela diversificação de suas atividades financeiras, retirando-se da região.

Para se ter uma ideia, segundo Foscarini Neto, entre 1915 e 1958, a população de Sarandira foi reduzida de 6500 para 2025 habitantes, chegando a um número de aproximadamente 1000 habitantes dos anos 2000. Atualmente, a população encontra-se bastante reduzida, formada sobretudo por aposentados e produtores rurais, sendo uma parcela significativa de famílias em vulnerabilidade social. Segundo o “Pré Levantamento Turístico de Sarandira”, desenvolvido em 2019 pela Associação Carabina Cultural, que atua na região:

Estima-se que hoje haja 800 moradores no povoado de Caeté, habitando 300 casas. Na vila de Sarandira, algo próximo de 200 pessoas, ocupando menos de 100 casas. Nas propriedades do entorno cerca de 400 pessoas distribuem-se por um número estimado em 20 fazendas, 25 sítios e igual número de pequenas chácaras.

Ou seja, além dos fatores geográficos que separam Sarandira de Juiz de Fora, como a distância, o relevo e a parca estrutura viária existente, havia uma grande distância sociocultural, que a cada momento aumentava o interesse e a necessidade de um

inventário afetivo, plenamente justificado pela redução populacional, mas dificultava o percurso para a realização do trabalho em plena pandemia.

O distrito não possui oferta de internet de qualidade e, ainda que houvesse, as relações virtuais não fazem parte do cotidiano da população, que ainda mantém seus relacionamentos das formas mais tradicionais possíveis.

E assim, nem todas possibilidades tecnológicas de contato e troca de experiências aplicadas ao longo dos anos de 2020/21 no contexto da pandemia seriam suficientes para o desenvolvimento das atividades e dinâmicas propostas no primeiro ano do projeto de extensão e explanadas no artigo “SARANDIRANDO - As possibilidades de um Inventário Afetivo”, publicado na Revista do VI Seminário de Extensão e Pesquisa do Centro Universitário Academia em 2020).

## 2.2 Ainda sobre memória, identidade e pertencimento

Tal situação peculiar definiu o início de um novo processo de pesquisa, baseado em leituras e análises afim de reorientar um caminho para o contato, aproximação e reconhecimento com a população do distrito de Sarandira.

Foi necessário rever os conceitos e buscar novas experiências e estudos de caso para definição da metodologia de trabalho.

No que tange o conceito de história, o conhecimento dos fatos oficiais de Sarandira tornou-se um pano de fundo para o entendimento do contexto atual, como explicitado no item anterior. Neste caso específico, a história oficial é superficial, limitada e excludente, o que levou esta pesquisa a considerar o conceito de memória como o principal a ser seguido.

A partir dele, a possibilidade da realização de um inventário afetivo, metodologia recente aplicada no Brasil, parte das apreensões feitas pelo IPHAN, que indica que os inventários surgiram como modos de produzir um novo saber, por meio da coleta e sistematização de informações geradoras de dados passíveis de análises e classificações, funcionando como instrumentos de identificação, valorização e proteção do patrimônio cultural.

Essas análises podem ser feitas no campo do Mapeamento Afetivo, que segundo CIASCA (2018), objetivam “representar como se revelam determinadas lembranças de algum indivíduo relacionadas a um local, evidenciando seus lugares da memória, como pontos que mais marcam uma pessoa na cidade, em seu cotidiano.” Dessa

forma, é possível identificar os processos que envolvem a formação identitária destes indivíduos.

Assim, o que chamamos aqui de Inventário Afetivo deve ser composto pela sistematização de dados coletados junto à comunidade afetivamente ligada ao lugar, possibilitando compreender os processos de vivências e construção de suas memórias e identidades e, conseqüentemente, do seu Patrimônio Cultural.

A partir dos conceitos de memória de Michel Polak (1989) e Pierre Nora (1993), compreendemos as polaridades dinâmica, plural e viva da memória e sua capacidade de se enraizar em qualquer substância, sentido ou relevância, cumprindo o seu papel de nos tornar indivíduos munidos de identidade, que cada vez mais se propõe múltipla e negociável.

A memória e a identidade têm a função basilar de permitir ao indivíduo perceber o seu lugar dentro de uma comunidade e no mundo, conscientizando-se de sua importância e de seu grupo social.

Várias e amplas são as ferramentas para estudar e compreender a relação da memória com nossas vidas. Cada vez mais as ciências sociais entrelaçam-se com o objeto de compreender os aspectos da vida humana na terra. O uso de metodologias provenientes de várias áreas de interesse nos permite a leitura destes quadros sociológicos.

Dentro da Arquitetura, Patrimônio Cultural e História, os inventários mostraram-se eficientes na tabulação de dados e suas mais novas vertentes, o Inventário Afetivo e o Inventário Participativo incluem de forma efetiva os pesquisados no processo de levantamento e análise de dados.

O Mapeamento Afetivo e a Cartografia Afetiva, carregados dos conceitos sociológicos e antropológicos, contribuem como métodos sociais mais inclusivos e análises mais livres, possibilitando uma visão mais humanista.

No que tange a Cartografia Sentimental de Suely Rolnik (2011), o termo “cartografia” é retirado do campo da geografia, e representa a interpretação de linguagens e expressões, através de desenho, escrita e história oral daqueles que são vistos aí como público alvo, utilizando sua sensibilidade nas percepções respeitadas e claras. Ao definirem a “cartografia afetiva”, Laila Sandroni e Bruno Tarin (2014), definem o papel do pesquisador tornando-o também um objeto de cultura e investigação, ao buscar relações entre o objeto e os entrevistados e interpretando subjetividades dos discursos recolhidos.

Tais metodologias integradas possibilitam uma aproximação cada vez maior com o objeto de estudo e mesmo uma participação mais ativa do pesquisador dentro do contexto. Todas elas, sem exceção, são utilizadas a partir do trabalho de campo.

No entanto, de que forma é possível a aplicação de tais métodos no contexto da pandemia? Como aproximar-se da comunidade, que se encontra de certa forma apartada dos médios e grandes centros, de forma segura?

### **3 METODOLOGIA**

O grupo formado para o Projeto de Extensão contou com uma professora Orientadora, pesquisadora convidada, alunos e ex-alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Academia e a interlocução com professores e alunos do curso de Psicologia da mesma instituição, além do auxílio valioso de agentes locais.

A metodologia escolhida nesta fase do projeto baseia-se na pesquisa bibliográfica abordando os conceitos de memória, identidade, e pertencimento e a história de Sarandira. A partir daí, foram revisadas as atividades propostas, roteiros e questionários a serem aplicados na comunidade.

Foram estabelecidas possibilidades de aproximação com a população local e apresentação do projeto. A redação de uma carta a ser apresentada para a comunidade e entregue por uma funcionária do Posto de Saúde do Distrito, pessoa de confiança dos moradores, ficou a cargo da Professora Orientadora. Os demais membros do grupo basearam-se na metodologia de coleta de dados para criarem opções de apresentação individual de cada um a partir da montagem de uma Caixa de Memórias, cuja execução será apresentada no próximo item.

Foram, enfim, programadas visitas ao local a partir das mudanças nos protocolos do Plano Municipal de combate à Covid, sempre atendendo aos critérios dos órgãos de vigilância sanitária.

### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A ideia de fazer e manter contato com os moradores passou por diferentes momentos e modelos de exploração.

A criação de um perfil do Projeto de Extensão no Instagram para difundir alguns conceitos e estimular um diálogo com a comunidade foi o primeiro passo. O segundo

foi uma tentativa de contato através de uma comunidade virtual relacionada ao distrito de Sarandira na rede social Facebook. No entanto, nenhuma das duas possibilidades surtiu efeito.

Apesar de acessarem a internet pelos celulares, a comunidade de Sarandira não é, de forma geral, adepta às novas formas de comunicação. Principalmente as mais abertas, como redes sociais.

O fato de serem, em sua maioria, adultos aposentados ligados diretamente ao contexto rural, que vivenciam o cotidiano de uma localidade de interior, indicou que a melhor forma de aproximação seria através de formas mais tradicionais. O uso de cartas iniciado pelo grupo do Projeto Sarandirando do Curso de Psicologia era uma possibilidade. Mas os moradores conheceram os alunos e professores de Psicologia anteriormente à pandemia e ao isolamento social, travando relações que os colocavam em uma posição mais confortável.

Restava encontrar um caminho que permitisse que os moradores começassem a se aproximar da metodologia e ao mesmo tempo conhecer os pesquisadores.

Devido aos protocolos de segurança sanitária atuais, as visitas à comunidade só puderam acontecer a partir do dia 18 de outubro. Ainda assim, a necessidade de aprovação das novas premissas do trabalho pelo Comitê de Ética ainda colocou o grupo em posição passiva diante da comunidade.

Com o intuito de dirimir este atraso, foram enviadas aos moradores uma "Carta de Apresentação" do projeto e uma "Caixa de Memórias", através da qual os pesquisadores do grupo enviaram objetos de memória, cartas e fotografias, todos de cunho pessoal, apresentando-se à comunidade.

Para Ecléa Bosi (2003), a memória de um indivíduo se materializa a partir da sua vivência cotidiana. Para ela,

Criamos sempre ao nosso redor espaços expressivos sendo o processo de valorização dos interiores crescente na medida em que a cidade exhibe uma face estranha e adversa para os seus moradores.

São tentativas de criar um mundo acolhedor entre as paredes que o isolam do mundo alienado e hostil de fora.

Ou seja, a partir do nosso ambiente, criamos um mundo confortável e seguro, onde nos permitimos ser nós mesmos e onde claramente só entram aqueles que nos são caros.

A partir desse ponto de vista, ela apresenta os conceitos de “objetos de status” e “objetos biográficos”, que representam a imagem que queremos mostrar ao mundo e aquela mais representativa da nossa identidade, formada por nossas memórias. São os objetos biográficos que, segundo a autora, envelhecem com as pessoas e se incorporam à sua vida.

Se a mobilidade e a contingência acompanham nossas relações, há algo que desejamos que permaneça imóvel, ao menos na velhice: o conjunto de objetos que nos rodeiam. Nesse conjunto amamos a disposição tácita, mas eloquente. Mais que uma sensação estética ou de utilidade eles nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade; e os que estiveram sempre conosco falam à nossa alma em sua língua natal.

Deste conceito surgiu a ideia da “Caixa de Memórias”. Nela, foram inseridas cartas com histórias pessoais, fotografias e objetos de memória, possíveis de identificar seus antigos donos, mostrando, de certa maneira, uma visão particular e individual sobre o mundo.

A Caixa tem o objetivo, além de apresentar os pesquisadores, de inserir a metodologia do Inventário Afetivo de forma experimental na comunidade, na medida em que foi criada a partir dos pressupostos teóricos e da metodologia a ser aplicada presencialmente.

A ideia é que cada apresentação seguisse uma espécie de roteiro, que foi criado, e encontra-se no Apêndice 01, orientando os pesquisadores a usarem linguagem simples, a contar um pouco da sua história, a se colocar em seu lugar geográfico e a mostrar fatos curiosos e hábitos prazerosos de suas vidas. Não havia um modelo, mas o roteiro auxiliava na inserção dos pesquisadores numa atmosfera mais pessoal e próxima com a comunidade.

A Caixa de Memórias foi entregue à comunidade com a proposta de que fosse passada de casa em casa sem nenhuma regra. Não havia um tempo limite para sua exploração, nem a necessidade de devolução da mesma. A intenção foi de que cada morador pudesse se apropriar da Caixa como bem entendesse.

**Imagens 01 a 05** – Algumas fotografias enviadas pelos pesquisadores.



Fonte: acervo do projeto

Imagens 06 a 08 – A Caixa de Memórias sendo montada com os objetos, fotos e cartas enviados.



Fonte: acervo do projeto

Como pode ser observado nas imagens acima, a proposta da constituição da Caixa de Memórias foi livre também para os pesquisadores. Na verdade, o desenvolvimento de laços de pertencimento deve acontecer, a partir dessa ferramenta, a partir dos dois lados da relação. Sendo a identidade um mosaico de memórias, ele pode ser construído e reconstruído cotidianamente, sendo as trocas fundamentais para essa formação. Não apenas através de um movimento de absorção ou apropriação, como normalmente é percebido. Mas também de doação e expansão.

Na única visita feita após o afrouxamento dos protocolos sanitários, que ocorreu no dia 30 de outubro de 2021, os três pesquisadores foram apenas na condição de observadores passivos, no intuito de acompanhar a equipe da Psicologia, que deveria coletar alguns dados.

Apesar de não ter sido feito nenhum trabalho de campo, da primeira intenção ser só de reconhecimento do local, algumas pessoas da cidade reconheceram os pesquisadores e foram bastante receptivos, mostrando que a Caixa cumpriu o seu papel.

E não se avistou a Caixa de Memórias. Afinal, ela agora faz parte de Sarandira.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Quando lançamos um olhar para o distrito de Sarandira, percebemos um lugar persistente, que passou por muitos reveses ao longo de sua existência.

Hoje a comunidade tem conhecimento do projeto e o vê positivamente. Apesar das dificuldades de comunicação, neste momento é possível ter muito mais conhecimento e entendimento sobre essa comunidade, seus valores e alguns hábitos.

Assim, foi possível compreender que as “modernidades” também não os conquistaram, como a superexposição, a supervalorização da imagem em detrimento das sensações e a virtualidade. A comunidade é formada por pessoas que vivem cotidianamente imersas na sua realidade, enraizadas no seu lugar de vivência, ratificando o conceito de *genius loci*, fomentando uma relação mais íntima, mesmo que inconsciente, com o espaço. Estas características observadas legitimam a hipótese de que existe ali o espírito do lugar e que isso traz uma qualidade urbana que não pode ser mensurada ou classificada por valores econômicos e estéticos.

**ABSTRACT**

*The Extension Project “SARANDIRANDO - Affective Inventory, identity, memory and belonging in Sarandira” has the main objective of carrying out an Affective Inventory based on knowledge, approximation and dialogue with the community of this small district in the municipality of Juiz de Fora. For this, the concepts of memory, identity, belonging were exhaustively studied, in addition to the methodologies of Inventories, Affective Mapping and Sentimental Cartography with the intention of creating its own methodology that would suit this community.*

*However, from the context of the COVID19 pandemic, researchers were forced to maintain a distance between themselves and the community before even knowing it. How, then, to carry out fieldwork in a rural community without much contact with the world of internet, social networks and remote learning? The adequacy of the methodology and the creation of Caixa de Memórias as a tool for bringing researchers closer to the community was a creative and legitimate option to start the long journey of dynamic research.*

**Keywords:** *Memory. Identity. Belonging. Memory box*

## REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO CARABINA CULTURAL. **Pré Levantamento Turístico de Sarandira. Sarandira Criativa - Plano de Desenvolvimento do Turismo de Sarandira.** Belo Horizonte, 2019.
- BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CARERI, Francesco. **Walkscapes. O caminhar como prática estética.** São Paulo: Editorial Gustavo Gili, 2013.
- CIASCA, Kaian Nóbrega Maryssael Ciasca. **Memória, Identidade e Território - Mapas Afetivos Como Indicadores De Hábitos Culturais.** Revista do Centro de Pesquisa e Formação / Nº 6, junho 2018.
- FOSCARINI NETO, P. **O Distrito de Sarandira: mudanças e permanências na paisagem.** 2008. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.
- MOTTA, Lia; REZENDE, Maria Beatriz. **Verbetes: Inventário. Dicionário do Patrimônio Cultural.** Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/> Acessado em: 20/10/2020.
- NORA, Pierre et al. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados de História, v. 10, 1993.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. O fenômeno do lugar. In: NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965 – 1995).** São Paulo: Cosac Naify, 2a. ed. rev., 2013, p. 444 – 461.
- POLLAK, Michel. **Memória, esquecimento, silêncio.** Estudos Históricos, v. 2 n. 3: Memória. FGV: Rio de Janeiro, 1989. P. 3-15.
- \_\_\_\_\_. **Memória e Identidade Social.** Estudos Históricos, v. 5 n. 10. FGV: Rio de Janeiro, 1992, p. 200-212.
- PREFEITURA DE JUIZ DE FORA. **Plano Diretor Participativo de Juiz de Fora.** Disponível em: <http://www.planodiretorparticipativo.pjf.mg.gov.br/>. Acessado em: 20/10/2020.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental.** 2a impressão, Editora Sulina – Editora UFRGS: Porto Alegre, 2011.

SANDRONI, Laila; TARIN, Bruno. **Limites e possibilidades da cartografia afetiva enquanto método de pesquisa nas ciências sociais**. 29ª Reunião Brasileira de Antropologia. Natal/RN, Agosto de, 2014.

## **Apêndice 01**

### **Roteiro para carta de apresentação**

#### **Direcionamentos:**

1. O ideal é que as cartas sejam escritas à mão e em letra legível;
2. Escrever no máximo uma página, pois serão muitas cartas, para que não fique cansativo;
3. Podem começar pelo nome, idade e lugar de onde vêm. Podem contar sobre o que gostam de fazer, memórias sobre sua relação com sua casa ou o bairro onde mora, alguma coisa que os prepare para os seus próprios relatos;
4. Podem falar sobre a foto e/ou o objeto de memória que enviaram, dizer onde foi tirada, em que situação, como se identifica com o objeto;
5. Também é importante falar um pouco sobre o projeto e suas expectativas quanto a ele;
6. É importante usar uma linguagem coloquial, pois há uma grande diversidade de entre as pessoas que esperamos que irão ler... essa variação pode ser de idade, escolaridade, vivência, profissão;
7. Ao falar do projeto, sempre destacar a importância da participação da comunidade, estimulando quem estará lendo a sentir-se pertencente a ele, com o cuidado de não os colocar como "objeto de pesquisa", uma vez que nosso método é de construção coletiva.